

**TERMOS DA SOCIOLINGUÍSTICA NO FALAR
DOS MIGRANTES RESIDENTES EM COSTA RICA-MS**

Wanessa Rodovalho Melo Oliveira (UNEMAT)
wanessarmoliveira@gmail.com

RESUMO

Este resumo trata de um recorde da pesquisa “Variação linguística: as atitudes linguísticas na fala dos migrantes de Costa Rica”, objetivando conhecer as atitudes linguísticas que permeiam os aspectos culturais, sociais, históricos e econômicos que contribuíram para a construção do falar desses migrantes, assim como diagnosticar se consideram sua fala e sotaque como prestigiosos e como veem as variações ocorrentes na fala dos nascidos costarriquenses. Para tanto, as pesquisas quali-quantitativa nortearam este trabalho com um questionário, em que a escolha das perguntas e dos entrevistados não foi aleatória, uma vez que se buscou contemplar representantes de todas as regiões do Brasil. Foi possível observar, após análises, que os entrevistados se sentem familiarizados com a região que residem, alguns perceberam semelhanças no sotaque e na cultura, outras, totalmente distintas das suas. Todos sentem orgulho da sua maneira de falar, porém alguns já sofreram preconceito linguístico.

Palavras-chave:

Migrantes. Atitudes linguísticas. Costa Rica.

ABSTRACT

This abstract is a record of the research “Linguistic Variation: the linguistic attitudes in the speech of migrants from Costa Rica”, aiming to know the linguistic attitudes that permeate the cultural, social, historical and economic aspects that contributed to the construction of the speech of these migrants, as well as diagnose whether they consider their speech and accent as prestigious and how they see the variations that occur in the speech of Costa Ricanborns. Therefore, qualitative and quantitative research guided this work with a questionnaire, in which the choice of questions and respondents was not random, since it sought to include representatives from all regions of Brazil. It was possible to observe, after analysis, that the interviewees feel familiar with the region they live in, some perceived similarities in the accent and in the culture, others, totally different from their own. Everyone is proud of their way of speaking, but some have already suffered linguistic prejudice.

Keywords:

Migrants. Costa Rica. Linguistic attitudes.

1. Introdução

Este artigo apresenta a pesquisa “Variação linguística: as atitudes linguísticas na fala dos imigrantes de Costa Rica”, apresentada ao pro-

grama de pós-graduação, Mestrado Acadêmico em Letras, da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul.

Esta pesquisa versa sobre as atitudes linguísticas nos falares dos imigrantes residentes no município de Costa Rica-MS, há pelo menos dois anos. Para ampliar o conhecimento sobre as raízes identitárias da região em questão, procurou-se conhecer as atitudes linguísticas que permeiam os aspectos culturais, sociais, históricos e econômicos que englobam as variações linguísticas dos informantes, e observar qual é concepção que eles têm da própria língua e da língua dos costarriquenses, ou seja, o nível de prestígio da fala.

Nessa direção, elaborou-se um questionário semiestruturado, conforme padrão definido por Manzini (2003), no qual se faz necessário um roteiro para realização das perguntas que devem ser elaboradas visando aos objetivos, de maneira que a linguagem proporcione uma boa coleta dos dados.

Para compor este artigo, 8 questões são abordadas, utilizando não só a pesquisa quantitativa de Labov (2008), para apresentação dos dados, com recursos de gráficos e porcentagens, mas também a pesquisa qualitativa, em que o pesquisador não interfere nas respostas, mas aponta suas impressões sobre as análises, como sugerem Bogdan e Biklen (1996).

O *locus* da pesquisa sociolinguística é a cidade de Costa Rica-MS, localizada na Tríplice Fronteira entre os Estados de Mato Grosso do Sul, Mato Grosso e Goiás, distante 380 km da capital Campo Grande. Esta região recebe, principalmente, muitos imigrantes alagoanos, sulistas, mineiros, goianos e paulistas, como de outros lugares, os quais encontraram em Costa Rica oportunidade de emprego e construíram suas famílias.

O *corpus* a pesquisado é a mistura que constrói a cultura local em razão das várias influências das atitudes linguísticas trazidas pelos imigrantes, portanto, espera-se que este estudo consiga captar e descrever algumas das variantes registradas na fala e na identidade.

Muitos consideram o falar dos costarriquenses semelhante ao caipira, remetendo a cultura e colonização da cidade a mineiros e goianos. Nesse sentido, buscou-se observar se os imigrantes levaram para esta cidade as atitudes linguísticas que construíram em sua identidade ao longo do tempo. Além disso, há muito para se conhecer sobre as influências predominantes na região, sobretudo dos goianos, mineiros, sulistas e paulistas.

2. As variações linguísticas

As variações linguísticas, encontradas no falar de cada pessoa, manifestam-se nas gírias, expressões, sotaques e dialetos que envolvem a expressão comunicativa. Entende-se, portanto, que a variação pode ocorrer em diversos âmbitos, pois estão relacionadas à construção da identidade de cada pessoa, os aspectos, vivências e influências que ela recebeu ao longo de sua vida.

Variantes linguísticas são, portanto, diversas maneiras de se dizer a mesma coisa em um mesmo contexto e com o mesmo valor de verdade. A um conjunto de variantes dá-se o nome de variável linguística. (TARALLO, 1986, p. 8)

O lugar onde a pessoa nasce diz muito sobre quem ela é, pois, apenas ao ouvir uma conversação, é possível identificar à qual região brasileira ela pertence, embora, com as miscigenações culturais, as raízes familiares se sobressaem. Calvet, ao comentar os estudos de Bernstein sobre as deficiências linguísticas, conclui que:

[...] o aprendizado e a socialização são marcados pela família em que as crianças são criadas, que a estrutura social determina, entre outras coisas, os comportamentos linguísticos. (CALVET, 2002, p. 27)

As diversas influências que a língua pode receber são representadas pela sociolinguística com os tipos de variações linguísticas, o que permite entender as atitudes linguísticas que permeiam os falares das pessoas.

3. Tipos de variações linguísticas

3.1. A variação diatópica ou geográfica

A dimensão do território brasileiro proporciona uma variedade de sotaques, dialetos, estrutura sintática, gírias e expressões que marcam cada região, sendo assim, de modo que cada uma tem a sua própria característica na pronúncia e no léxico.

Mussalin e Bentes explicam que “A variação geográfica ou diatópica está relacionada às diferenças linguísticas distribuídas no espaço físico, observáveis entre falantes de origens geográficas distintas” (MUS-SALIN; BENTES, 2006, p. 34), portanto, o português, falado em dez países, apresenta semelhanças e diferenças significativas. No Brasil, há um número considerável de variantes, um exemplo bem particular ocorre na

palavra mandioca, que recebe outros nomes, como aipim e macaxeira, a depender da região.

3.2. Variação diacrônica ou histórica

É notório que na língua muda, a cada geração, novas palavras surgem e outras deixam de ser usadas, adaptando-se ao seu tempo e transformando-se, como é visto no pronome de tratamento *vossa mercê*, que, atualmente, tem recebido muitas variantes, inclusive passou a ser considerado, pela norma coloquial, como pronome pessoal *você*.

Esse processo de transformação da palavra é observado “(...) em que o centro das atenções são as mudanças por que passam as formas de uma língua no tempo” (COELHO, 2012, p. 92); assim, os acordos ortográficos, com o intuito de que a língua portuguesa fosse mais semelhante em suas comunidades de falas, provocaram alterações em algumas regras gramaticais, como, por exemplo, a queda do trema e as novas normas de utilização do uso do hífen.

Portanto, com o passar do tempo, o que era tradicional em uma época, como o uso *ph*, pode ser arcaico em outra fase, o que aponta as mudanças, a dinamicidade da língua, já que ela é o espelho da identidade de cada falante.

3.3. Variação social ou diastrática

Cada grupo possui uma particularidade em seu linguajar. o discurso de um político é diferente da maneira teórica que um médico fala para dar o diagnóstico de um paciente, a maneira de os jovens conversarem é diferente da bagagem linguística de uma pessoa idosa.

A variação social ou diastrática, por sua vez, relaciona-se a um conjunto de fatores e que têm a ver com a identidade dos falantes e também com a organização sociocultural da comunidade de fala. (MUSSALIN; BENTES, 2006, p. 34)

Portanto, o grau de escolaridade do falante diferencia o seu repertório, assim como pessoas da classe socioeconômica mais elevada, que viajam muito, para diferentes lugares, que falam mais de uma língua, acabam tendo mais contato cultural, aumentando, assim, o seu vocabulário.

3.4. Variação situacional ou diafásica

A maneira como uma pessoa fala em casa não é a mesma para que se apresente em uma entrevista de emprego ou quando se ministra aulas. Isso acontece porque o falante se adequa a cada situação de acordo com a necessidade. Em situação informal, não há a mesma preocupação no falar como ocorre na norma culta, situação de formalidade. Bortoni-Ricardo destaca que os papéis sociais se definem como “(...) um conjunto de obrigações e de direitos definidos por normas socioculturais (...) e são construídos no próprio processo da interação humana”. (BORTONI-RICARDO, 2004, p. 23).

As gírias e os jargões também fazem parte dessa variação, pois existe a comunidade de fala que geralmente usa as mesmas gírias, principalmente em relação aos adolescentes e jovens, que, para marcarem a identidade do grupo, criam palavras, gírias e expressões.

3.5. Variação na fala e na escrita ou diamésica

O modo como uma pessoa constrói o discurso falado não é o mesmo que a construção do escrito, pois ninguém fala sempre “corretamente”, de maneira a contemplar totalmente a norma padrão, pois, quando em uma conversa, a intenção e despreocupação não é a mesma para escrever um discurso. Conforme Coelho explica:

Salvo em situações excepcionais, como o proferimento de uma palestra, por exemplo, a produção de um texto falado é uma atividade espontânea, improvisada e suscetível a variação nos mais diversos níveis. Já a escrita constitui-se como uma atividade artificial (não espontânea), ensaiada (no sentido de que reserva tempo e espaço para planejamento, revisões e reformulações), e um pouco menos variável, pois em geral está mais vinculada à produção de gêneros sobre os quais há mais regras e maior monitoramento. (COELHO, 2012, p. 83)

A espontaneidade ao falar não requer o mesmo preparo e o mesmo tempo de organização que um texto escrito, logo, em uma conversa, dependendo da situação, será pouco provável conseguir monitorar a fala.

3.6. Nível de prestígio da fala

O nível de prestígio de fala está relacionado à variação linguística devido ao preconceito linguístico. Em qualquer comunidade de fala, pode-se observar a coexistência de um conjunto de variedades linguísticas.

Na realidade objetiva da vida social, há sempre uma ordenação valorativa das variedades linguísticas em uso, que reflète a hierarquia dos grupos sociais (CAVALCANTE, 2011).

Quando acontece essa hierarquia, alguns grupos podem ter a visão de que a língua que eles falam é mais prestigiosa do que outras. Cada estado do Brasil possui sua bagagem linguística, isso significa que em cada região existe um sotaque, mas, muitas vezes, é motivo de preconceito linguístico, por considerarem, por exemplo, a língua caipira como menos prestigiosa, porque as suas variantes diferem da norma culta, que, na realidade, está reservada a uma pequena porcentagem dos brasileiros.

Bagno (2002) comenta que o preconceito linguístico tem relação estreita com a má distribuição de renda no país, em razão da grande extensão geográfica do Brasil, de modo que o status social tem grande valor, o que desfavorece a maioria da população, já que a norma culta é apresentada apenas na escola.

3.7. As atitudes linguísticas

Lambert e Lambert (1972), psicólogos sociais, começaram seus estudos a respeito das atitudes linguísticas quando observaram que muitos fatores influenciam as atitudes que os falantes têm frente a sua própria língua, portanto, o fator identitário é marco da pesquisa sociolinguística referente às crenças e às atitudes linguísticas.

Para os estudiosos, as atitudes linguísticas caracterizam

[...] a maneira organizada e coerente de pensar, sentir e reagir em relação às pessoas, grupos, questões sociais ou, mais genericamente, a qualquer acontecimento ocorrido em nosso meio circundante. (LAMBERT; LAMBERT, 1972, p. 78)

Entende-se, então, que o valor sentimental que o falante tem sobre a construção da sua língua é determinante na cultura e nos vários aspectos norteadores que o ajudaram a formar a sua identidade linguística.

As crenças e as atitudes linguísticas são semelhantes, como Labov descreve:

São um conjunto uniforme de atitudes frente à linguagem que são compartilhados por quase todos os membros da comunidade de fala, seja no uso de forma estigmatizada ou prestigiada da língua em questão. (LABOV, 2008, p. 176)

Entende-se que existe uma relação de dependência entre os membros e a comunidade de fala à que ele pertence, assim, as divisões, por exemplo, entre grupos religiosos, regionais, políticos e esportivos podem determinar o comportamento linguístico de cada um, o modo como eles veem os outros, que pertencem a grupos distintos.

Bisinoto (2000), em estudo sobre as atitudes linguísticas em Cáceres-MT, explica:

[...] o termo atitude faz pensar em comportamento, postura, reação ou propósito, mas antes disso há que se considerar os fatores psicológicos, socioculturais e políticos que desencadeiam o fenômeno. (BISINOTO, 2000, p. 35)

Registrou que os imigrantes consideram a língua falada pelos nativos de Cáceres como engraçada, por haver mudanças fonológicas que nunca haviam ouvido antes, inclusive a mistura dos falares dos mais jovens.

Silva-Poreli (2010), em sua dissertação *Crenças e Atitudes Linguísticas na cidade de Pranchita-PR*, constatou, após as análises, que os imigrantes mostraram apreço pela língua local e viram oportunidade de emprego naquela região, razão pela qual as atitudes linguísticas deles foram consideradas positivas.

Corbari (2013) registrou, em sua pesquisa *Atitudes Linguísticas: Um Estudo nas Localidades Paranaenses De Irati E Santo Antônio Do Sudoeste*, que não existe mais um “eu” genuíno, em que a identidade das gerações passadas era mais rígida, mas que houve transformações. “As identidades são construídas na especificidade dos modos de convívio entre vários grupos, entre várias gerações.” (CORBARI, 2013, p. 245).

A pesquisa elaborada por Lima Neto (2018), “*Brasília, sua gente, seus sotaques: difusão candanga e focalização brasiliense na Capital Federal*”, levantou a questão sobre o mito de que o *brasiliense não possui sotaque*, pois ao analisar os dados, tanto os residentes no Plano Piloto, quanto no Gama, não conseguiram explicar qual seria o seu sotaque, o que está remetido diretamente às crenças que envolvem as atitudes linguísticas presentes no falares, assim como as influências de vários imigrantes na região.

4. A pesquisa sociolinguística

4.1. O locus da pesquisa

Costa Rica está localizada na região Nordeste do Estado de Mato Grosso do Sul, faz limite ao Norte com o Estado de Mato Grosso e a Leste com Goiás. Tem uma população estimada em 19.670 habitantes, é a Capital Estadual do Algodão e dos Esportes de Aventura, possui muitas riquezas naturais que fazem a cidade avançar no turismo (MUNICÍPIO DE COSTA RICA, 2013).

Costa Rica era uma vila conhecida como Cacete Armado, segundo o pesquisador Marlei Cunha (1992; 2009). Esse nome foi dado devido ao grande número de cachorros soltos, o que levava a população, para se proteger, a andar armada com um cacete; outra versão, é que o preço dos produtos, na única mercearia da região, era tão alto, que parecia um cacete armado.

Quando José Ferreira da Costa chegou na região, em 1943, casou-se pela segunda vez, agora com Dona Maria Tosta Barbosa, que possuía duas grandes fazendas, herança deixada pelo falecido esposo. José Ferreira percebeu o grande potencial que permeava próximo ao rio Sucuriu, e fez um loteamento, que contava com “159 lotes de terrenos com várias dimensões. Os referidos lotes acham-se divididos em quadras com ruas traçadas, locais apropriados para praças, reservas para edifícios públicos, campos de aviação, constituindo tudo um verdadeiro patrimônio”. (CUNHA, 2009, p. 190).

Assim,

[...] o povoado se tornou Distrito de Camapuã em 21 de janeiro de 1964 (Lei 2.132) e elevado à categoria de município (Lei 76, de 12 de maio de 1980), com desmembramento de porções dos municípios de Camapuã e Cassilândia. (MUNICÍPIO DE COSTA RICA, 2013)

Desde a criação de Costa Rica, esta cidade tem recebido muitos mineiros, goianos e sulistas que ajudaram na construção e desenvolvimento, assim como, na cultura local, é perceptível o envolvimento regional que tem fortalecido as raízes costarriquenses e promovido o avanço econômico.

5. Metodologia da pesquisa

Neste estudo, foram utilizadas a pesquisa sociolinguística representada por Labov (2008), a qual segue princípios quantitativos por ele estabelecidos, para que as estatísticas pudessem registrar os dados referentes à variação na fala; e a pesquisa qualitativa, para interpretá-los, segundo Bogdan e Biklen (1996), para quem, ao registrar as respostas, os pesquisadores devem ser fiéis aos dados e autênticos.

Também foram aplicados os pressupostos metodológicos sugeridos por Manzini (2003), particularmente a existência de um planejamento preestabelecido para que os resultados obtidos possam se enquadrar aos objetivos propostos, o que significa a elaboração de um roteiro de perguntas e um projeto piloto para que a linguagem utilizada seja entendida pelos entrevistados.

O *corpus* em questão foi constituído por imigrantes de todos os estados brasileiros, mas que residissem há pelo menos dois anos em Costa Rica, sendo dez homens e dez mulheres, entre 25 e 67 anos de idade, de escolaridade de nível básico e superior, e de várias profissões.

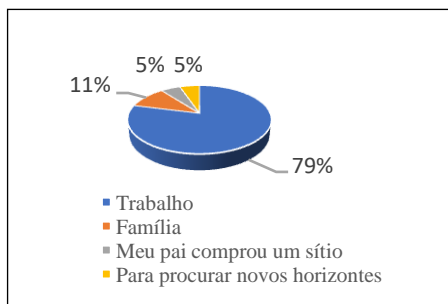
As questões abordadas no questionário visaram constatar as atitudes linguísticas e o nível de prestígio na fala dos imigrantes e como eles percebem os falares, a cultura e o sotaque dos costarriquenses. As respostas aqui selecionadas são as que mais se destacaram e apresentaram maior relevância para o trabalho, mantendo-se distante da concepção de certo ou errado.

6. Exposição dos dados

Para conhecer as atitudes linguísticas que envolvem a fala dos imigrantes residentes em Costa Rica e as interferências externas que ajudaram a formação linguística deles, segue a primeira pergunta a ser analisada:

Questão 1. Por que se mudou para Costa Rica?

Gráfico 1. Justificativas.



Fonte: A autora (2020).

O resultado mostra que o percentual de 79% dos informantes coloca Costa Rica como um lugar de oportunidade de emprego, pois muitos mudaram para esta cidade porque conseguiram se adaptar e enxergaram a possibilidade de crescimento e um bom lugar para criar os seus filhos. Ainda, 11% justificaram que acompanharam os pais, e mesmo depois de adultos não têm a intenção de se mudarem, em razão da cidade proporcionar sustento à família, além do fato de ser considerado um pouco costarricense. As mesmas justificativas estão presentes na pesquisa realizada na cidade de Cáceres – MT, onde Bisinoto (2000) constatou que os imigrantes foram para este município para acompanhar seus familiares e em busca de emprego.

No período em que Costa Rica estava em formação, muitas famílias compraram um pedaço de terra e se mudaram, porque a região é produtiva e promissora. Alguns entrevistados informaram que, embora a cultura local seja diferente da sua, estão inseridos na cultura e sentem-se acolhidos. Isso mostra que tiveram sucesso na tentativa em melhorar a vida de seus familiares e terem a oportunidade de emprego que deslumbravam antes de se mudarem. No entanto, alguns informaram desejar voltar para a sua terra natal, pois sentem saudades dos seus familiares.

Questão 2. Conviveu com alguém que apresentava fala diferente da sua?

Muitos imigrantes apresentaram várias influências, familiares, convivência com amigos de serviço ou quando foram morar em outras cidades diferentes da sua terra natal, estes fatores remetem às crenças

linguísticas, que segundo “as crenças têm origem na experiência social de cada indivíduo. Dessa forma, pode-se afirmar que “as crenças são construção da realidade, são as probabilidades de um conceito e influenciam no comportamento.” (SILVA-PORELI, 2010, p. 67). Diante dessa exposição, destacam-se as influências estrangeiras na Região Sul.

1. Meus pais, avós, tios, primos. Tudo era falado na língua alemã.

2. Minhas avós, falavam italiano. Elas misturavam o português com o dialeto italiano para cumprimentar, fazer elogios, nome de algumas comidas, dias da semana e falavam em italiano algumas expressões quando não queriam que as visitas ou pessoas estranhas tomassem conhecimento do assunto.

3. Com os avós que falavam italiano. Falavam tudo em italiano.

As raízes familiares são grandes agentes influenciadores na fala de uma pessoa, pois é no seio familiar que realiza o primeiro contato linguístico. Portanto, “cada falante é, ao mesmo tempo, usuário e agente modificador de sua língua, nela imprimindo marcas geradas pelas novas situações com que se depara” (CAVALCANTE, 2011, p. 242).

4. Meus avós paternos são mineiros e eu fui criada com eles. Falavam muito ‘uai sô’, ‘trem bão’, ‘ai, ai, ai’ e ‘conta um causo’.

5. As pessoas de costa rica, mas tem uma amiga do trabalho que me influencia.

Questão 3. O que acredita que a cidade de Costa Rica tem de diferente da sua região (exemplo: comida, gírias, cultura)?

As respostas dos mineiros, goianos e mato-grossenses foram semelhantes, já que, para eles, existe muita cultura em Costa Rica similar às suas, inclusive dois participantes mineiros apontaram não perceber nenhuma diferença nem na cultura e nem no sotaque, seria tudo igual. Fenômeno semelhante o pesquisador Lima Neto (2018), a influência dos imigrantes mineiros e cariocas fazem com que o “r” retroflexo esteja presente no falar, mas de maneira mais fraca.

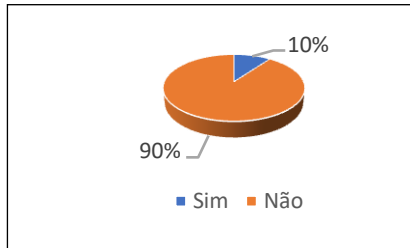
Essa influência mineira e goiana na cidade é decorrente do processo migratório, assim, as semelhanças apontadas são o arroz carreteiro, mas com acréscimo de ingredientes ao preparado em Costa Rica, como cenoura e tomate. No Nordeste, é conhecido como Arroz de Leite, sendo

este salgado, chamado também de Arroz de Sal, ao passo que em Costa Rica este prato chama-se Arroz Doce. No Sudeste, um informante disse que nunca havia escutado tanto o sufixo *ismo*, já que os costarriquenses falam muito *Dinheirismo*. Na Região Sul, *Galderio* é nomeado *Peão*, assim conhecido em Costa Rica. Outra entrevistada registrou que, quando morou em Tocantins, conviveu com muitos mineiros e achou interessante que em Costa Rica pudesse ouvir as mesmas palavras como *Trem* e *Não dou conta*.

As influências regionais, quando em contato com a cultura local, possibilitam uma nova escrita na história, pois são termos e costumes que vão se misturando e gerando outros falares, dialetos e sotaques, que fazem com que o Brasil seja tão heterogêneo, além de permitir a criação de muitos falares na língua portuguesa.

Questão 4. Já sentiu vergonha da sua maneira de falar?

Gráfico 2. Preconceito linguístico.



Fonte: A autora (2020).

O gráfico mostra o nível de prestígio da fala dos entrevistados, já que 90% registraram nunca ter sentido vergonha da sua maneira de falar, alguns ainda apontam que sentem orgulho, porque carregam com eles a identidade do estado e da cidade em que nasceram, já que muitos não retornaram para suas cidades.

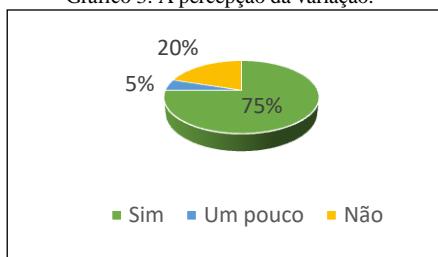
O relato de uma informante, na sequência, registra o porquê já sentiu vergonha de como falava:

6. Quando eu cheguei do Estado do Paraná em 1972, dizia: parteleira (prateleira), táuba (tábua), menmo (mesmo), porta (porta), abérta (aberta).

A fala dessa entrevistada pode ser observada pelas lentes da Sociolinguística devido às mudanças linguísticas, pois depois de estudar e ter concluído até o mestrado, ela utiliza o português referido como norma culta, e entende que o estudo fez com que melhorasse até a sua comunicação com as outras pessoas. Alves (1976) registrou em sua pesquisa *Atitudes Linguísticas de Nordestinos em São Paulo*, que muitos nordestinos tinham vergonha de seu sotaque, por considera-lo feio ou de menos prestígio devido ao fato de possuírem pouca escolarização. Em alguns casos, eles tentavam falar semelhantes ou imitarem o sotaque dos paulistanos.

Questão 5. Acredita que possui sotaque?

Gráfico 3. A percepção da variação.



Fonte: A autora (2020).

Os informantes de Minas Gerais registraram que não possuem sotaque, como já mencionado. Uma justificativa plausível para isso é o fato da semelhança no vocabulário e no sotaque de ambos. O “r” retroflexo do linguajar mineiro é conhecido em Costa Rica como o “r” caipira, de modo que mesmo os costarriquenses acreditam que o sotaque seja o mesmo, conforme pesquisa *As atitudes linguísticas na fala dos costarriquenses* (OLIVEIRA, 2020). Lima Neto (2018), ao fazer suas análises, constatou que os brasileiros acreditam que não possuem sotaque, mas que na realidade, não sabem explicar o que seria Sotaque e nem Brasília, pois não estaria claro, se na realidade, os brasileiros residentes no Plano Piloto ou no Gama não sabiam se falavam o dialet. Lyons explica essas diferenças:

[...] é porque sistemas linguísticos fonologicamente idênticos podem ser realizados diferentemente no meio fônico que faz sentido falar do mesmo dialeto de uma língua pronunciado com tal ou qual sotaque. Pois “sotaque”, compreende todo tipo de variação fonética, inclusive aquilo que é subfonêmico no sentido de que nunca é considerado como a base de contraste funcional, como essa noção é normalmente aplicada pelos fonólogos. (LYONS, 2009, p. 201-3)

Muitos registraram que possuem uma mistura de sotaque, inclusive um entrevistado da Região Sudeste informou que, quando vai passear em sua cidade de origem, os parentes dão risada da sua maneira de falar, pois sua fala está carregada do linguajar sul-mato-grossense, como mostra Labov a respeito da fala, a qual “adquire um certo prestígio e pode até ser imitada” (MONTEIRO, 2008, p. 67).

Questão 6. Quais expressões na fala dos costarriquenses considera diferente?

As marcas linguísticas registradas pelos imigrantes é a pronúncia do “r” e “s” mais puxados, o jeito calmo, semelhante ao cantar que faz com que os mais idosos possuam um vocabulário mais arcaico, como em algumas palavras pouco faladas pelos costarriquenses mais jovens, estorvo e armonca. Este falar Caipira, também registrado na pesquisa de Corbari (2013) remete ao fato de desprestígio relacionado ao fator social, de que se fala dessa maneira, as pessoas ignorantes que moram no campo, porém, os imigrantes residentes em Costa Rica não demonstraram desmerecimento ao descreverem as expressões e sotaques que ocorrem na região, talvez seja pelo fato de haver um monitoramento ou preocupação em responder “corretamente”, sem querer parecer preconceituoso.

Algumas frases merecem destaque:

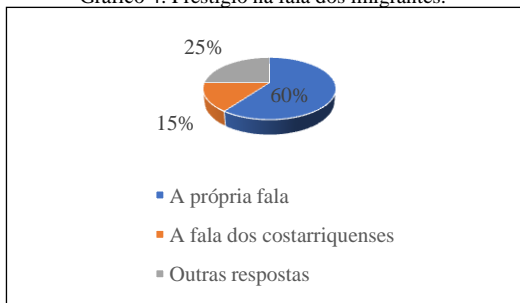
7. Comer arrois mais nós. Vai não.
8. Vamos banha.

Cada variante geográfica é manifestada de maneira viva pelo falante, o que sugere marcas que transpassam os fatores sociais e fazem com que as formas linguísticas sejam perceptíveis. Assim, o objeto de pesquisa da sociolinguística é a língua, não por si própria, mas com todas as variações influenciadas pelo social e por outros fatores que caracterizam a fala de uma pessoa, como aponta: “Toda variedade regional ou falar é, antes de tudo, um instrumento identitário, isto é, um recurso que

confere identidade a um grupo social.” (BORTONI-RICARDO, 2004, p. 33).

Questão 7. Qual falar acha ser o mais bonito?

Gráfico 4. Prestígio na fala dos imigrantes.



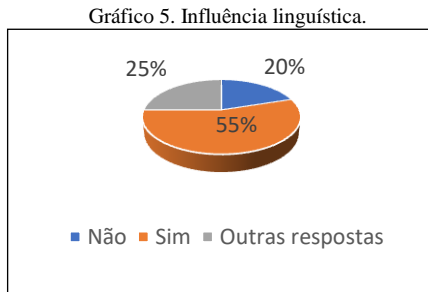
Fonte: A autora (2020).

Apenas 15% registraram o falar dos costarriquenses como o mais bonito e 60% o seu próprio falar, mostrando o nível de prestígio e o orgulho que os imigrantes possuem da maneira como falam. Esse dado evidencia muito mais que isso, principalmente que os imigrantes estão felizes com a sua própria identidade, por não possuírem vergonha do próprio sotaque e também que não desprestigiem o linguajar local.

As marcas de identidade não estão inscritas no real, embora os elementos sobre os quais as representações de identidade são construídas sejam dele selecionadas. Estão em pauta, portanto, os processos de apreensão do mundo social: esta apreensão dá-se, sempre, através de atos de pensamento e linguagem, cujas coordenadas são geradas social e culturalmente. (PENNA, 1992, p. 167)

Entende-se, portanto, que esses imigrantes carregam a sua bagagem cultural por valores que foram construídos ao longo do tempo, pelas influências históricas, sociais e culturais que englobam a questão da identidade, pois nelas são construídas as atitudes linguísticas que levam a fatores emocionais, os pensamentos e sentimentos que têm de si próprio e do outro.

Questão 8. Considera que já fala de maneira similar aos costarriquenses?



Fonte: A autora (2020).

55% dos entrevistados consideram o seu falar semelhante ao dos costarriquenses, o que mostra que já estão inseridos no sotaque local, já que a maneira que uma pessoa fala revela muito sobre suas atitudes e crenças linguísticas.

A própria língua como sistema acompanha de perto a evolução da sociedade e reflete de certo modo os padrões de comportamento, que variam em função do tempo e do espaço. Assim se explica os fenômenos de diversidade e até mesmo de mudança linguística. (MONTEIRO, 2008, p. 16)

As mudanças linguísticas registram o processo evolutivo da língua, pois, ao saírem de sua cidade de origem e se mudarem para outra, os contatos linguísticos se misturam e novos padrões de comportamento ficam evidentes. Essas mudanças fazem com que a língua também mude, pois ela não é homogênea, uma vez que, conforme a pessoa tem contato com outras realidades linguísticas, a sua bagagem cultural expande-se e uma nova concepção é formulada, fato demonstrado na resposta de um entrevistado, que está tão familiarizado com a região costarriquense, que, ao visitar os seus parentes na cidade em que nasceu, ele é motivo de risos, pois o seu sotaque e seu comportamento linguístico estão diferentes, situação que não o incomoda, mas que acha interessante, já que gosta muito da cidade.

7. Conclusão

Neste estudo, foi possível constatar as atitudes linguísticas dos imigrantes residentes em Costa Rica, os quais parecem estar adaptados à

cidade, e alguns já possuem o sotaque e os costumes semelhantes aos dos costarriquenses.

As diferenças dialetais estiveram em evidência, já que os registros mostram as diferenças culturais entre as regiões representadas e o nível de prestígio dos imigrantes, que, com suas atitudes, demonstram valores importantes na representatividade da sua região.

Os dados apontam que esses imigrantes receberam muitas influências externas, ao se mudarem para outros estados, e registram que, com isso, acolheram um pouco da cultura de cada lugar, modificando a sua maneira de falar. Ao perceberem as diferenças entre Costa Rica e sua cidade natal, eles conseguiram registrar as atitudes linguísticas que apresentam o que acreditam e possuem valores inestimáveis para eles.

O vocabulário dos costarriquenses apresenta uma variação lexical diferente entre os nativos e os imigrantes, embora haja semelhança, mas possuem uma identidade própria, marcada pelo “r” caipira, a variante da norma culta, mesmo em pessoas escolarizadas e também em termos conhecidos somente no local.

As atitudes linguísticas possibilitam conhecer um povo de maneira mais íntegra, em que são perceptíveis as diferenças nas gerações, e também na concepção de cada um, como enxerga a sua língua e a língua dos outros.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, M. I. P. M. *Atitudes linguísticas de nordestinos em São Paulo: uma abordagem prévia*. Campinas-SP, 1979.

BAGNO, M. *Preconceito linguístico: o que é, como se faz*. 15. ed. Loyola: São Paulo, 2002.

BISINOTO, L. S. J. *Atitudes sociolinguísticas em Cáceres-MT: efeitos do processo migratório*. Campinas-SP: [s.n.], 2000.

BOGDAN, R.; BIKLEN, S. *Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria aos métodos*. Porto-Pt: Porto, 1996. (Coleção Ciência da Educação)

BORTONI-RICARDO, S. M. *Educação em língua materna: a sociolinguística na sala de aula*. São Paulo: Parábola, 2004.

CALVACANTE, M. C. B. *Sociolinguística*. 2011. Disponível em http://biblioteca.virtual.ufpb.br/files/sociolinguistica_1330351479.pdf. Acesso em: 11 set. 2020.

CALVET, L-J. *Sociolinguística: uma introdução crítica*. Trad. de Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola, 2002.

COELHO, Izete Lehmkuhl *et al.* *Sociolinguística*. Florianópolis: L-LV/CCE/UFSC, 2010. Disponível em: http://ppglin.posgrad.ufsc.br/files/2013/04/Sociolingu%C3%ADstica_UFSC.pdf. Acesso em: 11 set. 2020.

CORBARI, C. C. *Atitudes Linguísticas: um estudo nas localidades paraenses de Irati e Santo Antônio do Sudoeste*. Tese (Doutorado em Letras), Universidade Federal da Bahia, Instituto de Letras Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística, Salvador, 2013.

CUNHA, M. *Costa Rica: história e genealogia*. Campo Grande-MS: Fênix, 1992.

_____. *Costa Rica: pioneiros que construíram o progresso de Costa Rica*. Costa Rica-MS: Caiapó, 2009.

LABOV, W. *Padrões sociolinguísticos*. São Paulo: Parábola, 2008.

LAMBERT, W. W.; LAMBERT, W. E. *Psicologia social*. 3. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1972.

LIMA NETO, N. V. *Brasília, sua gente, seus sotaques: difusão candanga e focalização brasileira na capital federal*. Brasília, 2018.

LYONS, J. *Linguagem e linguística: uma introdução*. Trad. de Marilda WinkerAverburg e Clarisse Sieckenius de Souza. Rio de Janeiro: LTC, 2009 [1981].

MANZINI, E. J. Considerações sobre a elaboração de roteiro para entrevista semi-estruturada. In: MARQUEZINE: M. C.; ALMEIDA, M. A.; OMOTE; S. (Orgs). *Colóquios sobre pesquisa em Educação Especial*. Londrina: Eduel, 2003. p. 11-25

MONTEIRO, J. L. *Para compreender Labov*. 3. ed. Petrópolis-RJ: Vozes, 2008.

MUNICÍPIO DE COSTA RICA, 2013. Disponível em: <https://www.costarica.ms.gov.br/nossacidade/4-costa-rica.html>. Acesso em: 19 jun. 2020.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

MUSSALIN, F.; BENTES, A. C. *Introdução à Linguística: domínios e fronteiras*. v. 1. São Paulo: Contexto, 2006.

OLIVEIRA, W. R. M. Atitudes linguísticas na fala dos costarriquenses. *Traços de Linguagem*, v. 4, n. 1, p. 38-49, 2020.

PENNA, M. *O que faz ser nordestino: identidades sociais, interesses e o “escândalo” Erundina*. São Paulo: Cortez, 1992.

SILVA-PORELI, G. A. *Crenças e atitudes linguísticas na cidade de Pranchita-PR: um estudo das relações do português com língua em contato*. Londrina-PR: UEL, 2010.

TARALLO, F. *A Pesquisa Sociolinguística*. São Paulo.